

OLHANDO, REFLETINDO E SENDO VISTOS PELOS MENINOS DE CIDADE DE DEUS

Ana Katia Reis Ferreira¹

Nara Rosane Machado de Oliveira²

Dulce Maria da Silva Voss³

Resumo:

O presente trabalho foi produzido durante o processo de formação científico-acadêmica que vivenciamos no Curso de Especialização em Educação e Diversidade Cultural da Universidade Federal do Pampa (Campus Bagé), durante o Módulo II, quando cursamos o componente curricular Governamentalidade, Multiculturalismo e Processos de Subjetivação, onde fomos desafiados a apresentar um seminário sobre o texto "Quando os meninos da Cidade de Deus nos olham" de Rosa Maria Bueno Fischer (2008). Nesse texto, a autora discute a obra fílmica Cidade de Deus (2002), de Fernando Meireles, a partir das teorias foucaultianas, problematizando a questão do poder sobre a vida e a morte em nosso tempo e as relações entre imagem cinematográficas e representações da realidade. Das discussões de Fischer utilizamos como cotejamento a obra literária homônima de Paulo Lins (1997), tratamos a obra fílmica como adaptação sob o olhar Huetchen (2013) procurando ampliar as possibilidades de análise das questões de poder, discurso e processos de subjetivação. A relevância deste trabalho dá-se a partir da percepção de que a leitura que se faz de uma "pretensa realidade" pode ser ampliada possibilitando diversas formas de compreensão, o que denota a complexidade dos fenômenos sociais, culturais e identitários em uma sociedade que se olha e não se vê, ou que se vê e não se entende, pois as diversas realidades são construídas partindo desses olhares fragmentados, descontínuos e permanentes.

Palavras-chave: poder, discurso, processos de subjetivação.

Modalidade de Participação: Pesquisador

OLHANDO, REFLETINDO E SENDO VISTOS PELOS MENINOS DE CIDADE DE DEUS

¹ Outro. katia.jovi@gmail.com. Autor principal

² Outro. profenarita@gmail.com. Co-autor

³ Docente. dulce.voss@gmail.com. Co-autor



OLHANDO, REFLETINDO E SENDO VISTOS PELOS MENINOS DE “CIDADE DE DEUS”

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi produzido durante o processo de formação científico-acadêmica que vivenciamos no Curso de Especialização em Educação e Diversidade Cultural da Universidade Federal do Pampa (Campus Bagé), durante o Módulo II, quando cursamos o componente curricular Governamentalidade, Multiculturalismo e Processos de Subjetivação, onde fomos desafiados a apresentar um seminário sobre o texto “Quando os meninos da Cidade de Deus nos olham” de Rosa Maria Bueno Fischer (2008).

Nesse texto, a autora discute a obra fílmica Cidade de Deus (2002), de Fernando Meireles, a partir das teorias foucaultianas, problematizando a questão do poder sobre a vida e a morte em nosso tempo e as relações entre imagem cinematográficas e representações da realidade. Das discussões de Fischer utilizamos como cotejamento a obra literária homônima de Paulo Lins (1997), tratamos a obra fílmica como adaptação sob o olhar Huetchen (2013) procurando ampliar as possibilidades de análise das questões de poder, discurso e processos de subjetivação.

A relevância deste trabalho dá-se a partir da percepção de que a leitura que se faz de uma “pretensa realidade” pode ser ampliada possibilitando diversas formas de compreensão, o que denota a complexidade dos fenômenos sociais, culturais e identitários em uma sociedade que se olha e não se vê, ou que se vê e não se entende, pois as diversas realidades são construídas partindo desses olhares fragmentados, descontínuos e permanentes.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo bibliográfico que se utilizou de três fontes: obra literária “Cidade de Deus” Paulo Lins (1997), obra fílmica homônima, de Fernando Meireles, (2002) e artigo científico “Quando os meninos de Cidade de Deus nos olham” de Rosa Maria Bueno Fischer (2008), numa análise discursiva sobre o texto e o contexto, entendendo que “os discursos produzem os objetos e os sujeitos de que falam” (FOUCAULT, 2006).

Diante do exposto na obra literária, do visto na obra fílmica, do discutido no artigo científico, fizemos reflexões e análises sobre as relações produzidas entre os sujeitos personagens/expectadores da Cidade de Deus. As leituras nos levaram a observar o contexto, o discurso e, sobretudo, as relações estabelecidas, isto é, o mundo, as pessoas, o lugar e os acontecimentos (neste caso, Cidade de Deus no Rio de Janeiro entre os anos de 1960 a 1997) que permanecem atuais e visíveis em novas construções relacionais entre os sujeitos.

3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

Segundo Fischer (2008), o filme de Meireles se configuraria numa criação estética que provoca os expectadores, protegidos através de uma lente, a produzirem percepções acerca do lugar e das histórias que se desenrolam entre os personagens da Cidade de Deus, mas deixa aberta as autorias em unidades

múltiplas, possibilitando aos seus interlocutores uma pluralidade de práticas discursivas e não discursivas que nascem dos modos como cada um olha, decifra e intervêm na pretensa “realidade”.

Lins nos convida a conhecer uma história, Meireles a criar um olhar, Fischer a torná-lo plural e Foucault a pensar as palavras e as coisas para além daquilo que é dito e visto. Cruzando essas perspectivas de análise, pudemos ampliar olhares sobre as tramas vividas entre personagens e expectadores da Cidade de Deus. Sujeitos cuja identidade não pode ser simplesmente concebida numa relação dicotômica e ambivalente que separa e distingue bandidos e vítimas, personagens e expectadores, pois, é no entrelaçamento de histórias, práticas e olhares que os sujeitos se constituem e que vão atribuindo sentidos às experiências vividas, atos, ações, omissões, ganhos e perdas.

É assim que se criam personagens como Zé Pequeno, visto/concebido como sujeito excluído, infame, traficante, marginalizado, o que é tido com “normal” nesse contexto da Cidade de Deus, um mundo onde meninos aprendem um código ético ditado pelo tráfico. Mas, mesmo nesse contexto, há descontinuidades e rupturas. Alguns sujeitos não se submetem a norma, transgridem em busca de outras vidas, como é o caso do personagem Buscapé que rompe com a cultura do tráfico, indo buscar novas perspectivas fora da Cidade de Deus. As identidades desses personagens são produzidas a partir de um viés cultural e de linguagens, literatura e filme. Fischer (2008) aponta que a produção identitária dos sujeitos meninos de Cidade de Deus serve a indústria cinematográfica e a seu interesse comercial, em um espaço/lugar que infere uma quase totalidade de indivíduos/sujeitos marginalizados, como forma de mobilizar expectadores fazendo das bilheterias algo de extremo lucro. Mas esses sujeitos/personagens podem ser qualquer menino de qualquer lugar do mundo.

Percebendo a complexidade das relações de poder engendradas nas histórias de vida, nas práticas discursivas e não-discursivas, problematizamos as concepções que fixam as identidades dos sujeitos em unidades antagônicas, personagem e expectador, bandido e vítima. Ao produzirem sua existência, os personagens/expectadores produzem também suas visões de mundo, suas identidades e diferenças e estabelecem relações marcadas pelo poder, força, medo, violência, apatia, perplexidade, dor, indiferença.

Com base no estudo entrelaçado das obras de Meireles, Lins, Fischer e Foucault entendemos que as práticas discursivas e não discursivas são produzidas por meio de relações de poder, criam identidades e diferenças que não aprisionam os sujeitos personagens/expectadores, já que, de acordo com Foucault (2006) “O poder se exerce sobre sujeitos livres” reafirmando quando diz ser o sujeito e não o poder seu objeto de estudo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo mostra aspectos relevantes para pensarmos o campo social/educacional e os modos como em nossa cultura produzimos discursos e práticas que incluem/excluem certos sujeitos. Tratam-se de relações complexas que compõem os discursos e confirmam a produção da subjetividade.

Importa, particularmente para o momento, assinalar as relações entre poder e posição-sujeito, as especificidades dessas relações tendo em vista seus efeitos na produção da subjetividade. É no social que se definem as posições-sujeito, não fixas, marcadas por mutabilidade, e a análise de discursos deve fazer aparecer

esses elementos e explicitar suas formações e transformações históricas, e também suas implicações e/ou determinações na produção da subjetividade.

Assim, pensamos os modos como se constroem na cultura alguns processos de produção dos sujeitos, entendendo aqui, com Michel Foucault (2008), que somos permanentemente constituídos por diferentes discursos, ou seja, nos tornamos sujeitos de certas verdades, no interior de determinados regimes de poder. Segundo Foucault (2006), “o poder não existe”, o que existe são as relações e práticas de poder. O autor defende que não existe uma entidade centralizadora do poder. Pelo contrário, ele é construído e exercido em níveis, formas, domínios e extensões variados na sociedade.

Na concepção foucaultiana, o fato de nos tornarmos sujeitos de verdades não impede – pelo contrário, supõe – que os sujeitos também se constituem a si mesmos, para além daquilo que lhes é oferecido como norma ou regra de vida, e neste ínterim, concluímos que a escola é o lugar para contextualizar e problematizar as relações de poder os processos de subjetivação que produzem identidades e diferenças, fixas ou móveis, únicas ou complexas, como o que propusemos ao analisar as vidas entrelaçadas de personagens e expectadores da Cidade de Deus.

5. REFERÊNCIAS

Periódicos técnico-científicos

FISCHER, R. M. B. (2008). Quando os meninos de Cidade de Deus nos olham. Educação e Realidade.(Porto Alegre), vol. 33, (n. 1), p. 193-207.

Livros

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves - 7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. A Ordem do Discurso. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006.

HUTCHEON, Linda. Uma teoria da adaptação. Tradução: André Cechinel. 2ª ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2013.

LINS, Paulo. Cidade de Deus. São Paulo: Planeta, 2012.

Obra fílmica

CIDADE de Deus. Direção: Fernando Meirelles. Produção: Miramax Internacional, 2002 DVD (130 min.) Dolby Digital.